

Revista
do
Lume

Número 05/2003

Edição especial

Carlota Cafiero

A Arte de Luís Otávio Burnier
em busca da memória

LUME
Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais
COCEN-UNICAMP



UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Carlos Henrique Brito Cruz
Reitor

CGU-UNICAMP

Prof. Dr. Jose Tadeu Jorge
Coordenador Geral da Universidade

COCEN

Prof. Dr. Eduardo Guimarães
Coordenador dos Centros e Núcleos Interdisciplinares

LUME

Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais

Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber

Coordenadora

Carlos Roberto Simioni

Coordenador Associado

Ficha Catalográfica

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – COCEN –
UNICAMP
REVISTA DO LUME. UNICAMP – LUME – COCEN. Campinas:
UNICAMP, n. 5, julho 2003.

84 p.

ISSN 1518-2800

1. Teatro 2. Periódicos I - LUME - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas
Teatrais. II. UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. III. Série.

Revista do Lume

Diretora

Suzi Frankl Sperber

Conselho Editorial

Presidente: Suzi Frankl Sperber
Eugenio Barba – Odin Teatret - Dinamarca
Cesar Brie – Diretor Teatro de Los Andes - Bolívia
Renzo Filippetti – Diretor Teatro Ridotto - Itália
Maria de Lourdes Rabetti Giannella (Beti Rabetti) – UNI-RIO - Rio de Janeiro
João das Neves – Diretor - Belo Horizonte
Antônio Januzelli – USP – São Paulo
Norval Baitello Jr. – PUC - São Paulo
Ian Watson – Universidade da Pennsylvania - EUA

Comissão de Publicação

Editores

Suzi Frankl Sperber - DTL-IEL-Unicamp
Carlos Roberto Simioni - LUME-UNICAMP
Ricardo Puccetti – LUME – UNICAMP
Renato Ferracini – LUME - UNICAMP

Composição de Capa e Formatação

Renato Ferracini

Revisão Técnica

Suzi Frankl Sperber

Capa

Na foto Luís Otávio Burnier
Arquivo LUME

A **Revista do Lume** é uma publicação anual do LUME - Núcleo Interdisciplinar da Universidade Estadual de Campinas. Aceita artigos relativos às diversas áreas de Teatro, preferencialmente em português, mas também em espanhol, inglês e francês. Os trabalhos serão submetidos ao Conselho Editorial. Originais não serão devolvidos. As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

PEDE-SE PERMUTA. Exchange requested. Se solicita canje. Wir bitten um Austausch. On demande l'échange. Si chiede lo scambio.

Conselho Diretivo Revista do Lume

LUME - UNICAMP

Caixa Postal 6058 – CEP 13.083-970 - Campinas - SP - Brasil

Tel/Fax.: (0 xx 19) 3289 9869

E-mail: lume@unicamp.br

Visite nossa Home-Page: <http://www.unicamp.br/lume>

LUME - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais

Coordenadora: Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber
Coordenador Associado: Carlos Roberto Simioni

Corpo de Atores Pesquisadores

Ana Cristina Colla
Carlos Roberto Simioni
Jesser de Souza
Naomi Silman Puccetti
Raquel Scotti Hirson
Renato Ferracini
Ricardo Puccetti

Conselho Científico e Artístico

Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber (Coordenadora - LUME - UNICAMP)
Carlos Roberto Simioni (Coordenador Associado - LUME - UNICAMP)
Prof. Dr. Ivan Santo Barbosa (IA - UNICAMP)
Prof. Dr. Fernando Tacca (IA – UNICAMP)
Profa. Dra. Verônica Fabrini (IA – UNICAMP)
Prof. Dr. Euzébio Lobo (IA – UNICAMP)
Profa. Dra. Heloísa Turini Bruhns (FEF - UNICAMP)
Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus (FEF – UNICAMP)
Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson (FE – UNICAMP)
Profa. Dra. Elisa Angotti Kossovitch (FE – UNICAMP)
Profa. Dra. Heloisa Pontes (IFCH – UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Hunold Lara (IFCH – UNICAMP)
Ricardo Puccetti (Ator-Pesquisador - LUME - UNICAMP)
Raquel Scotti Hirson (Atriz-Pesquisadora - LUME - UNICAMP)
Renato Ferracini (Ator-Pesquisador - LUME - UNICAMP)
Jesser Sebastião de Souza (Ator – pesquisador LUME - UNICAMP)
Ana Cristina Colla (Atriz – pesquisadora LUME)
Maria Elena Bernardes (Representante TPCT)
José Divino Barbosa (Representante CSARH)
Eng. Álvaro Tucunduva Gregori (Representante externo ligado às artes)
Ivan Vilela (Representante externo ligado às artes)
Profa. Beatriz Maria Vianna Rosa (Diretora teatral representante da cultura popular)
Glória Cunha (Musicista representante da cultura popular)

Secretaria e Administração Geral

José Divino Barbosa

Colaboradores e Estagiários Administrativos

Rosângela Maria da Silva

Sumário

MEMÓRIAS DE UMA <i>DRAMATURG</i> EM FORMAÇÃO	6
Suzi Frankl Sperber	
A ARTE DE LUÍS OTÁVIO BURNIER	10
Carlota Cafiero	

Memórias de uma *Dramaturg* em formação

Suzi Frankl Sperber
LUME - UNICAMP

Quando comecei a trabalhar no Lume, entendi que era minha função, enquanto coordenadora, não apenas manter uma ponte administrativa e burocrática com a universidade, mas também ter um papel acadêmico junto aos atores-pesquisadores. Talvez isto adviesse de me terem eles convidado, antes de ser indicada para a coordenação, para uma reunião em que propus, por exemplo, a criação de uma revista sobre a arte de ator. Neste momento (dezembro de 1995) soube que uma das idéias era a de se fazer uma biografia de Luís Otávio Burnier, coisa que só agora está pronta e sendo publicada no presente número da Revista do Lume (em 2003). Era não só uma homenagem a quem tinha sido o idealizador e criador do Lume, como uma necessidade de registro de um capítulo importante da memória das artes cênicas – e especificamente – da arte de ator no Brasil. A biografia comentada, vivida, redigida em estilo fluente, cumpre com graça e paixão a tarefa proposta. Completo modestamente este registro com um agradecimento a Luís Otávio Burnier, cuja morte me empurrou, pelas mãos de Barbara Iwanowicz, para o Lume.

Iniciei a tentativa de um diálogo acadêmico com os atores-pesquisadores do Lume a partir de agosto de 1996, quando começamos a ter um encontro semanal relativo a um seminário por mim proposto sobre *Cem Anos de Solidão*, romance de Gabriel García Marques que serviria de base para as pesquisas de uma projetada encenação futura. As aulas começaram com as minhas colocações. Mas eu esperava ouvir os atores-pesquisadores do Lume. Pouco a pouco passaram a se manifestar, de modo que poucos encontros depois já observara um fosso entre o universo de referências meu e o deles. Procurei aproximar-me deles através de alguma ponte: alguma asserção deles que servisse tanto para a teoria literária como para a arte de ator, seu *métier*. Depois procurei fazer leituras, o que foi fácil e automático, na medida em que empreendi a revisão de linguagem da tese de Luiz Otávio Burnier, necessária para futura publicação. Assim ingressei no campo da arte de ator.

Não era a primeira vez que me encontrava com atores. Havia sido convidada por João das Neves a falar sobre *Primeiras Estórias*, quando da estréia do espetáculo criado e dirigido por ele, a partir de suas adaptações de contos da referida obra de João Guimarães Rosa, em Belo Horizonte, junto ao Grupo da Lagoa do Nado. Meu encantamento com o espetáculo me levou a propor uma re-encenação na Unicamp, o que foi aprovado e apoiado por Luís Otávio Burnier. Durante o trabalho preparatório da encenação de *Primeiras Estórias* em Campinas, com os formandos em Artes Cênicas de 1995, imediatamente depois do falecimento de Luís Otávio Burnier, fui convidada por João das Neves a fazer palestras para esses formandos.

Com o Grupo Lume, a partir da busca das pontes entre a Teoria Literária e a arte de ator, passamos a ter reuniões de trabalho regulares, que consistiam em ouvir descrever as pesquisas de cada membro do grupo Lume e tentar teorizá-las a partir de noções como tempo e espaço, presença cênica, ritmo, jogo com palavras, função da arte, o olhar, o vazio e o nada, poesia, intensidade, dominância, universais, a linguagem do corpo, ritmo, rito, símbolos, mitos e outras formas simples. Mesmo sem ter certeza de que verdadeiramente se interessavam e lhes era útil este tipo de intervenção, prossegui. A dúvida advinha de lembrar-me da piada dos três escoteiros que saem juntos, voltam e narram a sua boa ação do dia: cada um diz ter ajudado uma velhinha a atravessar a rua. “Todos os três?” “Sim.” “Mas foram três velhinhas diferentes, em lugares diferentes?” “Não. É que a velhinha não queria atravessar a rua!” Eu não sabia se eles queriam atravessar a rua...

Surpreendi-me com a boa vontade do grupo em participar desta atividade, ao longo de anos, até que fui convidada, ou incitada, a dar dois cursos na Pós-Graduação em Artes Cênicas, em que eu deveria usar da mesma estratégia com conhecimentos semelhantes aos até então adquiridos e postos em uso com os atores-pesquisadores do Lume.

O curso consistiu de duas partes. Uma foi prática, de cinco dias seguidos com exercícios de pré-expressividade. Esta parte, dada por Renato Ferracini, teve dois temas fortes e diferentes em cada semestre. No 1º semestre o tema forte foi a dinamização das energias. No 2º foi a organicidade. Rigorosamente, mesmo as aulas durando 4 horas, sobriam só dez aulas para completar a carga horária. A minha parte, contudo, teorizadora, teve a duração normal de um curso de

Pós-Graduação em Teoria Literária (agora Teoria e História Literária: 15 encontros de 4 horas). No Instituto de Artes as aulas têm a duração de 3 horas.

O processo do trabalho foi o de seminários: cada aluno apresentava seu projeto de pesquisa, quer de forma prática, quer teórica, e a seguir era discutido tal projeto. O meu repertório de conhecimentos para o debate era o próprio, sem leituras adicionais. Eventualmente, a partir de um comentário, dava-se uma indicação bibliográfica. Ambos os cursos tiveram êxito e os alunos valorizaram a postura e os conceitos. A postura era fruto de meu ecletismo: não respondendo por um campo definido das teorias sobre artes cênicas, conhecendo um tanto das teorias de Brecht, mas tendo também informações outras (Kabuki, Nô, Stanislavski, Grotowski, Eugenio Barba, afora Burnier), tanto da arte de ator, como da cinematografia (sobretudo Eisenstein e Béla Bálazs, dentre os primeiros teorizadores do cinema), afora a literatura, meu olhar pôde acolher e entender propostas muito diferentes entre si. Eu conseguia discernir os aspectos relevantes, que mereceriam aprofundamento, mesmo quando havia aqueles que eram mais fracos, ou que deveriam ser modificados. Noções ligadas à condensação, ou ao alongamento, à utilização do espaço vertical, o uso do silêncio e do intervalo, a sobriedade, a convenção e a frustração de expectativas, a noção de ruptura e mesmo o conhecimento do universo caipira, dignificado, poetizado, acrescido de dimensão filosófica (conhecimento que me veio da convivência com a obra de João Guimarães Rosa) foram úteis ao longo de minha atividade orientadora da teorização.

Mais recentemente acabei identificando minha ação, na área das artes cênicas, como a de um *Dramaturg*.

O que é um *Dramaturg*?

Para minha tranqüilidade, é tão difícil responder a esta pergunta que, até hoje, nenhum *Dramaturg* foi capaz de dar uma resposta. John Lutterbie, Catedrático do Departamento de Arte Teatral da Universidade de Nova York, em Stony Brook, conta que a primeira vez que se confrontou com a definição de *Dramaturg* foi quando o contrataram como docente de Dramaturgia nessa Universidade. Sem saber nada do assunto, decidiu ir para a Conferência Anual dos *Literary Managers and Dramaturgs of the Americas (LMDA)*. Ali se inteirou de que o tema da conferência era: "Como fazemos para comunicar o que

faz um *Dramaturg*? A *Dramaturg* Lenora Inez Brown diz que "não se pode descrever a um *Dramaturg* por seu título". Em um artigo publicado em 1960 na revista *World Theatre*, Günter Skopnik discorre sobre o assunto, para cuja definição cita uma anedota: "Quando o Príncipe Schwarzenberg perguntou a Heinrich Laube, o grande diretor do Burgtheater de Viena, o que era realmente um *Dramaturg*, este só pode responder com um encolhimento de ombros: *Sua Alteza, é impossível que alguém lhe responda isso com poucas palavras*".

No sentido alemão, *Dramaturg* equivale à "consciência crítica e artística do teatro" e esta função se difundiu no último meio século. Então, minha atividade veio sendo a de um *Dramaturg*.

A pergunta a ser feita seria: o Lume precisa de um *Dramaturg*? Um curso de artes cênicas precisa de um *Dramaturg*?

O Lume foi idealizado por um ator, que se tornou diretor, docente, mestre (no sentido ancestral do termo) e doutor enquanto titulação acadêmica. Não estava previsto em momento algum que surgisse uma figura como esta no Lume. A pesquisa de corpo e de campo teria ocorrido sem minha participação. Já não dá mais para dizer que do mesmo jeito, porque, como diz o ditado, literalmente "O homem põe e Deus dispõe".

A teorização da prática de um artista não está prevista como tarefa do *Dramaturg*, mas cabe no elenco de suas atividades, já que ele deve ter conhecimentos de literatura. O meu conhecimento se estendia também para a Teoria Literária. E, se um grupo de teatro não precisa de um *Dramaturg*, um grupo de pesquisa no âmbito da universidade sim, precisa de um teorizador, a fim de favorecer e encaminhar a redação de artigos, dissertações. É preciso que seja alguém que saiba sublinhar os conceitos, as experimentações, as quase noções fortes, a fim de separá-las e ajudar a desenvolvê-las.

Estas características desta conhecedora de literatura não estão descritas nem no dicionário de Patrice Pavis, nem em anedotas ou outras descrições sobre a função do *Dramaturg*. Em ação por necessidade, uma necessidade criada por uma imensa ausência, a de Luís Otávio Burnier, e por paixão pelo teatro e engajamento com o grupo Lume, como homenagem cotidiana a Luís Otávio, vi-me investida de missão e aposta, que me autoriza, hoje, a encarar o trabalho realizado por Carlota Cafiero, e que agora apresentamos.